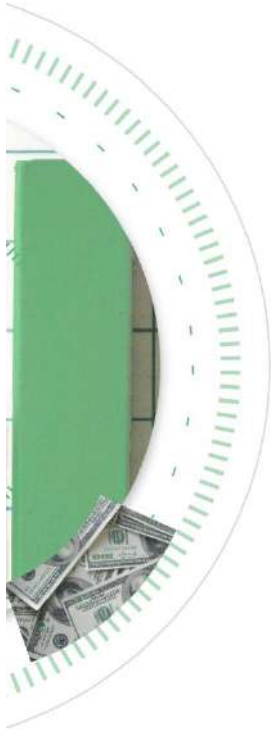


Comportamento Semanal de Mercado

14 a 20 de abril





Apurando a desaceleração e desinflação

Os indicadores que serão divulgados nesta semana serão de importância fundamental para dimensionar a desaceleração da atividade e subsidiar a reunião do Copom. Em meio à relativa estabilização das expectativas do horizonte relevante em torno de 4,0%, as medidas de inflação subjacente e núcleo no IPCA -15 ajudarão a quantificar a velocidade da desinflação. Em abril, o IGP-10 apresentou uma queda de -1,90% a.a.. Da mesma forma, os dados do varejo e serviços de fevereiro ajudarão a entender a evolução da atividade. A temperatura da economia será mais bem apurada com os números relativos à concessão de crédito em março, principalmente se estão compatíveis com o que se espera do aperto da política monetária. No mês, os pedidos de recuperação judicial cresceram em 6,8% na comparação com mar/22, totalizando 94 ocorrências. Já no que tange ao mercado de trabalho que ainda se mostra resiliente, a Pnad Contínua de março poderá ajudar a entender o comportamento das principais variáveis. Mesmo com uma taxa real de juros de 7,17% a.a., não se espera que a Selic caia no curto prazo, de modo que só se sinaliza uma redução de -0,25 p.p. para setembro. No campo fiscal, ruídos no ambiente suscitam ceticismo com a execução e implementação do novo arcabouço fiscal que se reflete nas estimativas do Boletim Focus. Reagindo ao possível desdobramento na taxa de juros básica dos números no Livro Bege e ao sucesso das ferramentas prudenciais para debelar uma eventual crise financeira que garantem graus de liberdade para que o aperto monetário faça a inflação nos EUA convergir à meta de 2,0%. Com os receios de uma eventual recessão, houve uma apreciação do dólar no mercado de câmbio internacional, elevação na rentabilidade dos *treasuries* e queda nos preços das *commodities*.

Ainda na semana, destaque também para os dados fiscais e o PIB da Zona do Euro.

Expectativas

Inflação – Mediana das Projeções

	IPCA (%) Mediana – agregado		
	20/04	Últ. Semana	Há 4 semanas
abr/23	0,55	0,57	0,59
mai/23	0,41	0,40	0,40
Jun/23	0,52	0,40	0,36
2023	6,04	6,01	5,93
2024	4,18	4,18	4,13
2025	4,00	4,00	4,0

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

No Boletim Focus, as expectativas inflacionárias apresentaram relativa estabilização, no horizonte relevante para a política monetária. Assim, as projeções para 2024 e 2025 permaneceram, respectivamente, em 4,18% e 4,0%. No curto prazo, as projeções para abril reduziram-se de 0,57% para 0,55%, as de maio aumentaram de 0,40% para 0,41% e as de junho de 0,40% para 0,52%. Com isso, o IPCA esperado para 2023 subiu de 6,01% para 6,04%. Sem alterações em relação ao número anterior, a Selic deve terminar em 12,50% a.a. em 2023, contemplando 1 corte de -0,25 p.p. em set/23 e 2 quedas de -0,50 p.p. em novembro e dezembro. O ajuste se estenderia em 2024 e 2025, com as taxas encerrando os

anos em 10,0% a.a. e 9,0% a.a., respectivamente. Com o movimento recente favorável ao real, a taxa de câmbio voltou a mostrar uma leve apreciação, de modo que a estimativa para o término de 2023 cedeu -0,8% para R\$/U\$ 5,20 e a de 2024 caiu -0,2% para R\$/U\$ 5,25, por sua vez, a para 2025 continuou em R\$/US\$ 5,30. Ainda permeada por algum ceticismo, a apresentação do texto da proposta do novo arcabouço fiscal ainda não teve impacto relevante nas projeções dos resultados para as contas públicas. A estimativa para a dívida líquida do setor público em relação ao PIB passou de 61,3% para 61,0% para 2023, de 64,5% para 64,0% para 2024 e de 66,95% para 67,1% para 2025. Por sua vez, a previsão para o déficit primário continuou em -1,0% do PIB para esse ano e em -0,8% para 2024. Para 2025, a previsão para o déficit primário variou de -0,5% do PIB para -0,37%.

Aversão ao Risco

Reagindo ao possível desdobramento na taxa de juros básica do relato positivo para a atividade econômica no Livro Bege e ao sucesso das ferramentas prudenciais para debelar uma eventual crise financeira garantindo graus de liberdade para que o Federal Reserve (Fed) faça a inflação convergir à meta de 2,0%, a semana apresentou uma elevação na aversão ao risco nos mercados globais.

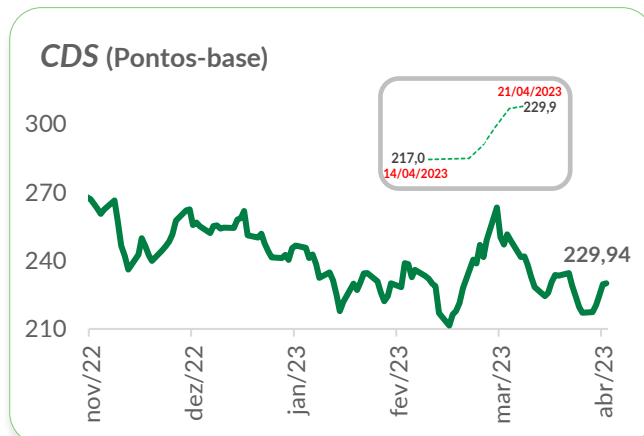
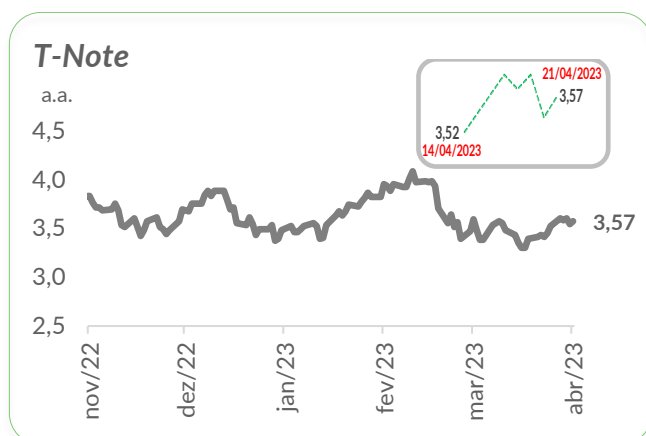
Com membros do Comitê de Política Monetária assinalando que a taxa básica deve permanecer acima de 5% por um bom período, na ferramenta de monitoramento do CME Group, as apostas por uma nova alta de 0,25 p.p. na próxima reunião do Comitê era de 85,4% no final de sexta-feira. Esse cenário contribuiu para que o dólar ganhasse força e houvesse a elevação nos retornos das *T-Notes*, com altas de 0,09 p.p. para 4,17% a.a. na de 2 anos e de 0,05 p.p. para 3,57% a.a. na de 10 anos. Também impactadas por resultados corporativos mais fracos, as bolsas dos EUA registraram perdas na semana, com destaques para as quedas de -0,5% na Nasdaq, de -0,3% no Dow Jones e de -0,2% no S&P 500.

Entretanto, após várias semanas de queda e com arrefecimento das tensões no setor, os bancos voltaram a ampliar a demanda por liquidez direta no Fed, de modo que foram mobilizados US\$ 143,9 trilhões na semana encerrada em 19/04/23, o que significou um avanço em relação ao total de US\$ 139,5 trilhões no período anterior. No que tange ao risco à estabilidade financeira, surgiram informações que o Fed poderá reavaliar uma mudança adotada em 2019 que, na prática, permitiu aos bancos de menor porte a não reportar as suas perdas em títulos mantidos até o vencimento, aspecto que contribuiu para a quebra do Silicon Valley Bank.

Na Zona do Euro, apesar da presidente do BC europeu (BCE) manter a postura mais firme no combate à inflação e com o mercado apostando em mais 3 altas de 0,25 p.p. nas próximas reuniões de política monetária, as bolsas da região encerraram a semana com ganhos, beneficiadas pela melhor expectativa com a atividade econômica chinesa, após o PIB crescer 4,5% no 1T23 frente ao mesmo período do ano anterior. Assim, observaram-se altas de 0,5% na semana no FTSE 100 e DAX 40. Por sua vez, as principais bolsas asiáticas tiveram desempenhos distintos, com a Xangai recuando -1,1% e o índice Nikkei 225 subindo 0,2%.

Mesmo com a melhora nas projeções de demanda com o bom desempenho da economia chinesa, a possibilidade de recessão nos países desenvolvidos em meio ao ciclo de aperto monetário, a semana encerrou com queda nas cotações das *commodities*. Na semana, o preço da saca de soja negociada em Chicago caiu -1,1% para US\$ 1.483,50, a cotação do minério de ferro 62% de pureza, negociado em Qindao, recuou -4,7% para US\$ 110,82 e o barril de petróleo tipo Brent ficou em US\$ 81,66, o que representou uma queda de -5,4%. Vale registrar que os estoques de gasolina nos EUA voltaram a subir, provavelmente respondendo a uma queda na demanda.

No cenário doméstico, o governo enviou a proposta do novo arcabouço fiscal ao congresso, porém, o texto ainda contém pontos que levantam dúvidas quanto à sua implementação e execução, sem contar o efeito dos ruídos políticos na evolução da agenda. Nesse contexto, na semana, o prêmio do CDS de 5 anos subiu 12,95 bps para 229,94 bps. e o Ibovespa encerrou com retração de -1,8%, com o impacto nas empresas exportadoras de *commodities*.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

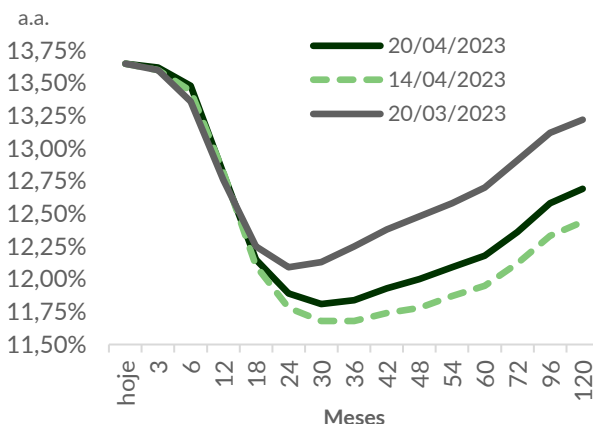
Os prêmios implícitos na estrutura a termo da taxa de juros (ETTJ) voltaram a apresentar elevação na semana, em praticamente todos os vértices, refletindo um cenário mais apropriado para a elevação das taxas de juros internacionais e propiciando uma realização de lucros após uma queda considerável nas últimas semanas.

Exceção ao vértice de 12 meses que teve leve recuo de -0,01 p.p. para 12,81% a.a.. No período, observaram-se altas de 0,04 p.p. para 13,48% na taxa de 6 meses, de 0,11 p.p. para 11,89% na de 2 anos, de 0,16 p.p. para 11,84% na de 3, de 0,22 p.p. para 12,00% na de 4, de 0,23 p.p. para 12,18% na de 5 e de 0,25 p.p. para 12,69% na de 10 anos.

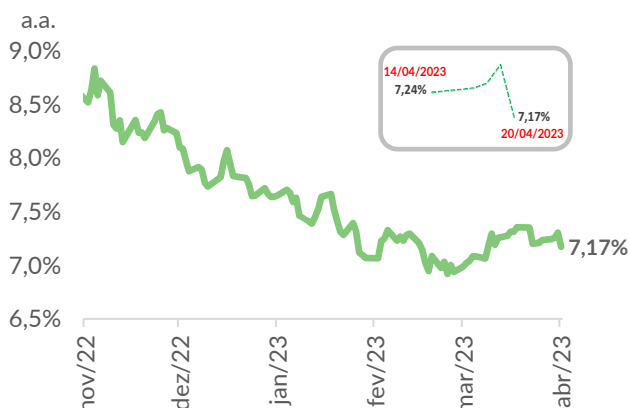
Apesar da elevação dos juros futuros, com a taxa do swap DI prefixado de 360 dias em 12,81% a.a. e a inflação esperada para os próximos 12 meses saindo de 5,16% para 5,26%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 7,17% a.a., o que representou uma queda de -0,06 p.p. na semana, mas permanecendo em patamar fortemente contracionista.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* das taxas de 10 anos e de 1 ano prefixadas negociadas na B3 voltou a subir, porém permanecendo ainda em patamar negativo, saindo de -0,38 p.p. na semana anterior para -0,12 p.p.. Por sua vez, o diferencial entre as taxas de juros de 10 anos e de 1 ano, na divulgação de títulos públicos na Anbima, encerrou a semana com alta de 0,27 p.p., voltando a patamar positivo (0,03 p.p.).

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

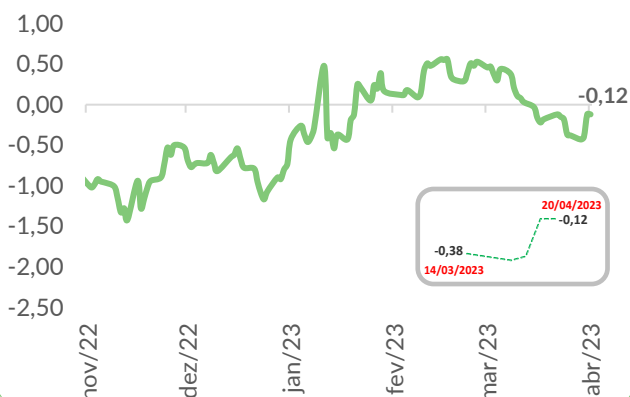


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

Câmbio

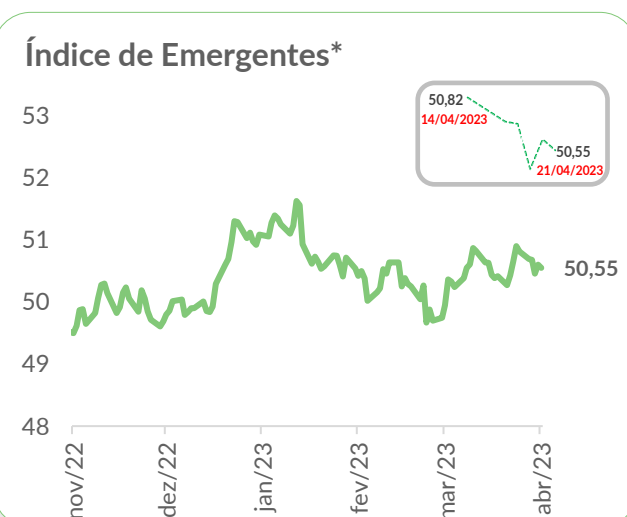
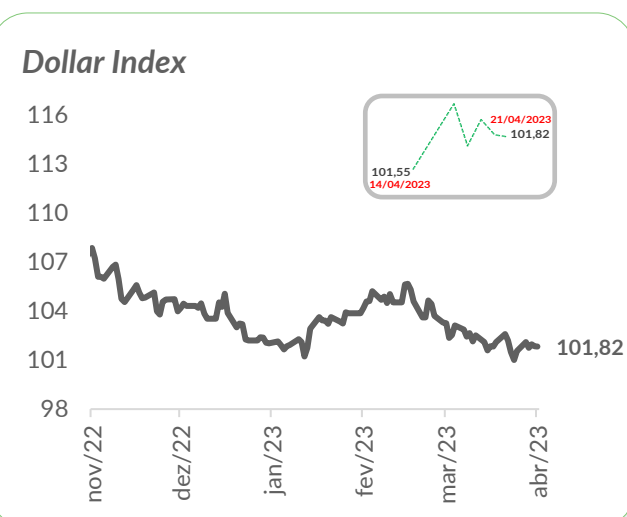
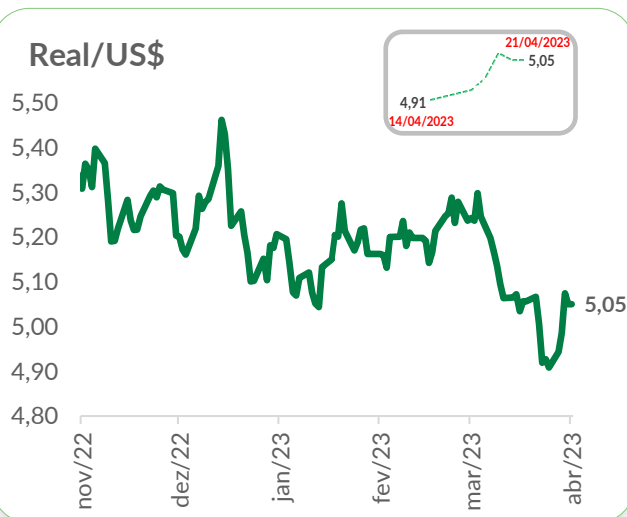
Após 4 semanas com apreciação, o real voltou a perder valor frente ao dólar. Em linha com a recuperação da moeda norte-americana no exterior, o real caiu -2,90% com o dólar cotado a R\$ 5,05. Nesse contexto, o BC manteve sua atuação no mercado cambial com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/06/2023.

O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa do EUA em relação às de países desenvolvidos, subiu 0,27% na semana para 101,82 pts., refletindo as depreciações de 0,73% na libra esterlina e de 0,55% no euro.

Em consonância com a redução nos preços das *commodities*, o índice que calcula a variação das moedas de países emergentes frente ao dólar caiu -0,52% no período, com destaques para as apreciações de 0,86% no rublo russo e de 0,15% no peso mexicano, além das depreciações de 2,30% no peso colombiano, de 1,58% no peso argentino e de 0,12% no rand sul-africano.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Internacional

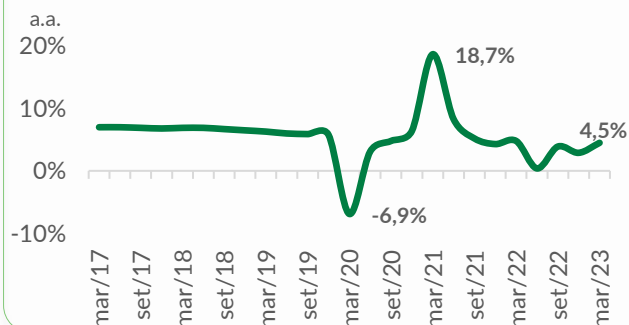
Diante das incertezas e preocupações com a liquidez, cresceram os sinais de arrefecimento no mercado de trabalho e do aperto nas condições de crédito em alguns distritos. O Livro Bege do Fed assinalou que os volumes e a demanda por empréstimos para famílias e empresas nos EUA reduziram-se de uma maneira geral. Reiterou, ainda, que a atividade econômica não apresentou alterações relevantes nas últimas semanas, que as expectativas de crescimento foram mantidas, os gastos com consumo ficaram estáveis e as atividades manufatureiras não mostraram alterações, a despeito da contínua melhora nas cadeias de suprimento, reforçando a tese de que a economia dos EUA está em processo de desaceleração. Alimentando os temores de recessão, houve as falas de dirigentes do Fed indicando que o aperto monetário ainda não terminou.

Os recentes dados do setor imobiliário nos EUA sugerem que o mercado esteja se acomodando em níveis deprimidos. Embora menos do que a queda esperada de -3,4%, as construções de moradias iniciadas caíram -0,8% na passagem de fev/23 para março, totalizando 1,420 milhão de unidades. Os dados de fev/23 foram revisados de 1,450 milhão para 1,432 milhão. As licenças de construção retraíram-se em -8,8% para um montante anualizado de 1,413 milhão em março, já o dado de fev/23 também foi revisado de 1,524 milhão para 1,550 milhão. Indicando algum alívio no mercado de trabalho, os novos pedidos de auxílio-desemprego avançaram 5 mil na semana encerrada em 15 de abril, de 240 mil a 245 mil. Já os pedidos continuados de auxílio-desemprego, que saem com uma semana de atraso, tiveram alta de 61 mil para 1,865 milhão de solicitações na semana anterior. Por outro lado, o índice de gerentes de compras (PMI) composto dos Estados Unidos subiu de 52,3 em mar/23 para a 53,5 na preliminar de abril, alcançando o maior nível em 11 meses. O indicador para a indústria avançou de 49,2 em março a 50,4, atingindo a máxima em 6 meses e recuperando o patamar que indica expansão. Já o PMI de serviços subiu de 52,6 em mar/23 para 53,7 em abril, maior nível em 12 meses nesta leitura preliminar.

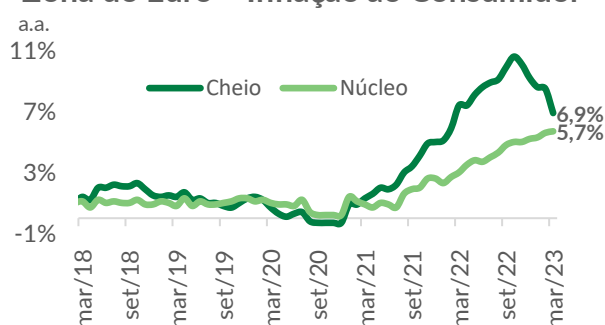
Superando as expectativas de um aumento de 4,0%, o PIB da China registrou expansão de 4,5% a.a. no 1T23, ganhando força em relação ao acréscimo de 2,9% a.a. no 4T22. Sustentado pelo consumo, o resultado adveio da conjunção da recomposição da demanda, em meio à reabertura econômica, e da aceleração da oferta resultante de estímulos governamentais fiscais e monetários. Porém, os investimentos e a produção industrial apresentaram um menor crescimento e além dos sinais das dificuldades no mercado imobiliário. Ainda, em março, as vendas no varejo chinês apresentaram alta mensal de 0,15%, avançando 10,6% na comparação anual, acima da previsão de expansão de 7,9% a.a.. Por sua vez, a produção industrial frustrou as expectativas ao crescer 3,9% em março em relação a mar/22, aquém dos esperados (4,1%).

Na Zona do Euro, a inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,9% em março fazendo com que a taxa anualizada desacelerasse de 8,5% a.a. para 6,9% a.a.. Mesmo assim, o nível da medida de núcleo mantém-se resistente com uma alta de 5,7% a.a. em março, ante 5,6% a.a. em fev/23 e 5,3% a.a. em jan/23. Na comparação mensal, o aumento foi de 1,3%, resultado acima da elevação de 1,2% esperada. Também com tendência de alta, a inflação de serviços acelerou de 4,4% a.a. em jan/23 e 4,8% a.a. em fev/23 para 5,1% a.a. em março, reforçando os temores com a persistência inflacionária global e o com os impactos da consequente resposta da política monetária.

China – PIB Total



Zona do Euro – Inflação ao Consumidor



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

IGP-10 – Abr/23

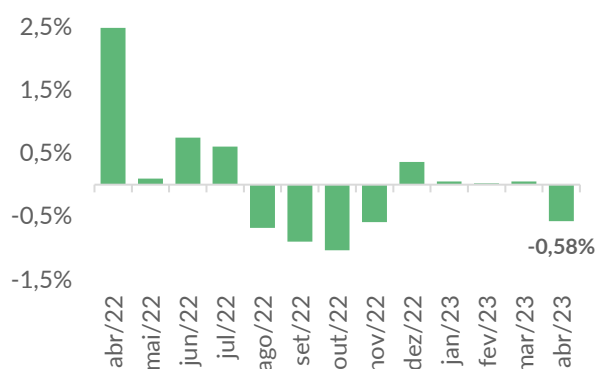
Após uma série de tímidos avanços de 0,02% em fev/23, de 0,05% em jan/23 e mar/23, o IGP-10 recuou -0,58% em abril. Com esse resultado, o índice passou a ter uma queda acumulada de -1,90% a.a. em 12 meses (1,12% a.a. em mar/23). No ano, acumulou variação de -0,46%.

O único componente do IGP-10 com variação negativa foi o IPA, que caiu em -0,96% no mês, ante -0,07 em mar/23. Assim, fechou com uma deflação de -4,17% a.a. contra -0,52% a.a. em mar/23. A decomposição dos estágios de produção do índice revelou que sua queda foi puxada tanto pelos bens intermediários, que tiveram variação de -1,59% (-1,25% em mar/23), quanto pelas matérias primas brutas, que variaram -1,62% em abril, após registrar uma elevação de 0,88% em mar/23. Para esse movimento contribuíram a soja (-2,45% para -7,63%), o minério de ferro (4,11% para 0,58%) e o café (8,36% para -3,28%). Por outro lado, o estágio de bens finais apresentou uma aceleração de 0,31% em mar/23 para 0,51%, sobretudo em função da variação do subgrupo de alimentos processados (-1,14% para 0,08%).

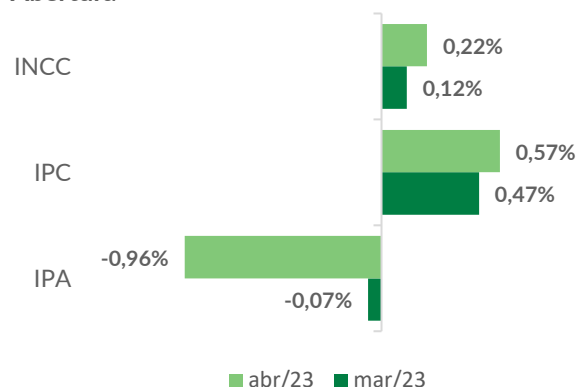
O IPC variou 0,57%, um avanço maior que os 0,47% registrados em mar/23. Das 8 classes de despesas componentes, apenas a da Educação, Leitura e Recreação teve variação negativa, -1,37% ante -1,04% em mar/23. Houve acréscimo na taxa de variação em três classes: Alimentação (0,00% para 0,15%), Vestuário (0,25% para 0,45%) e Transportes (1,24% para 1,86%), com os principais responsáveis sendo gasolina, variando de 2,89% para 5,87%, e hortaliças e legumes, de -5,00% para -2,06%). Com isso, o IPC acumulou uma alta de 3,51% a.a. ante 4,64% a.a. em mar/23.

Por fim, o INCC avançou 0,22% ante 0,12% em mar/23. Os grupos componentes de Serviços e de Mão de Obra registraram altas em suas variações, de 0,89% para 1,07% e de 0,14% para 0,38%, respectivamente. Já o grupo de Materiais e Equipamentos teve queda de -0,14%, maior em comparação a -0,05% em mar/23. Assim, o índice fechou em 7,61% a.a. contra 8,63% a.a. em mar/23.

Variação Mensal



Variação Mensal Abertura



Variação anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Pesquisa Industrial Mensal – Fev/23

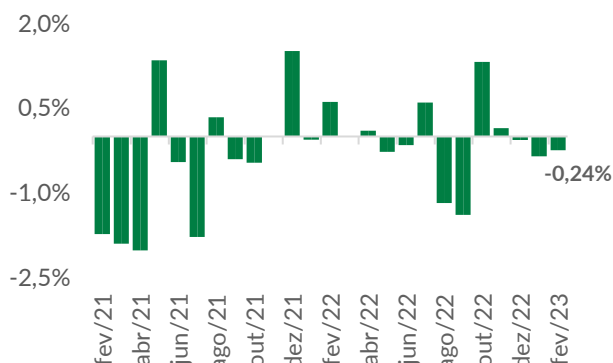
Após as quedas de -0,35% em jan/23 e de -0,06% em dez/22, a produção física industrial encerrou fevereiro com um recuo de -0,24% na série livre de influências sazonais. A produção extrativa aumentou seu crescimento mensal de 3,37% em jan/23 para 4,56%. Na indústria de transformação observou-se uma redução de -0,45% após a queda de -0,89% em jan/23, sofrendo os impactos das férias coletivas na indústria automobilística e do embargo chinês nas exportações de carne que levou a indústria alimentícia a contrair-se em -1,1% no mês.

Em relação ao mesmo período do ano anterior, a produção industrial apresentou retração de -2,4%, com um crescimento de 5,1% na extrativa mineral e uma contração de -3,7% na de transformação. A variação anual da produção industrial acumulada em 12 meses encerrou com uma queda de -0,2%, o mesmo nível do mês anterior, com uma retração de -2,3% na extrativa mineral (1,1% em fev/22) e estabilidade na de transformação (3,3% em fev/22).

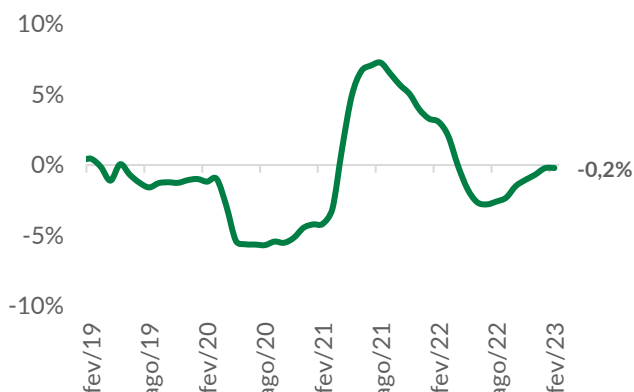
O setor segue fortemente impactado por fatores conjunturais, a se destacar: o elevado nível da taxa de juros, o encarecendo do crédito pressionando o endividamento e a quantidade de pessoas fora do mercado de trabalho.

Com esse cenário, a produção industrial se encontra em patamar -4,7% inferior ao observado no momento pré-pandemia (fev/20), sofrendo o impacto da contração de -21,8% na produção de bens duráveis, que inicialmente sofreu com a falta de insumos e componentes e agora com o encarecimento do crédito. Do lado oposto, destaque para a produção de bens de capital, com a produção 4,6% superior ao pré-pandemia.

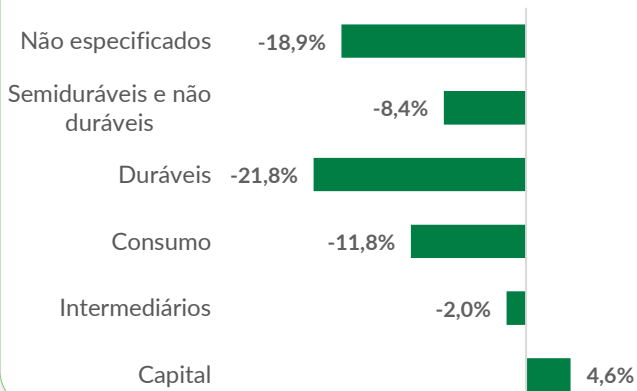
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Anual Acumulado em 12 meses



Variação Pré-pandemia Por categorias – em relação pré-pandemia (fev/20)



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Recuperações Judiciais – Mar/23

Os pedidos de recuperação judicial (RJ) cresceram em 6,8% em março na comparação com o ano anterior, totalizando 94 ocorrências. A alta ocorreu em função do aumento da inadimplência das empresas, que vem crescendo desde set/21. Esse valor está um pouco abaixo do registrado em fevereiro, 103 ocorrências, mas ainda acima do resultado de mar/20 (82 pedidos).

Os dados da Serasa Experian indicam que o resultado mensal foi puxado pelos pedidos de micro e pequenas empresas, 60. Em termos de participação, empresas desse porte representaram 63,8% do total. A seguir, dentre médias empresas houve 23 pedidos (24,5% do total) e dentre grandes, 11 pedidos (11,7% do total). Vale destacar que para este último grupo a variação anual em março foi de 57,1%.

Na abertura de setores, os 48 requerimentos referentes a serviços correspondem a mais da metade do total, 51,1%. A indústria registrou 20 pedidos (21,3% do total), enquanto o comércio e o setor primário registraram 15 (16,0% do total) e 11 (11,7% do total) pedidos, respectivamente.

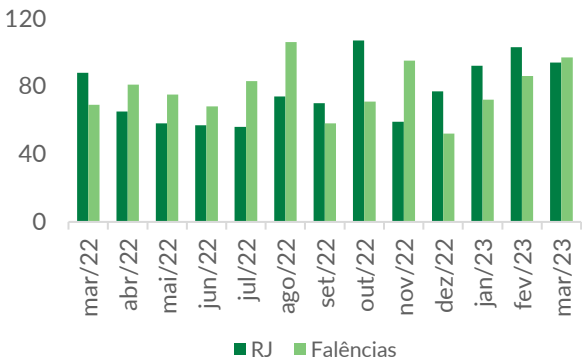
Com exceção do comércio, cujos requerimentos de RJ variaram negativamente na comparação anual (-37,5% em mar/23), todos os setores analisados na abertura tiveram alta na comparação com o mesmo mês do ano passado.

No que diz respeito às falências, de um total de 97 ocorrências, 60 são de micro e pequenas empresas. Médias e grandes empresas registraram, respectivamente, 19 e 18 pedidos.

No 1T23, tanto os pedidos de falências quanto de RJ superaram o acumulado no mesmo período de 2022 – representando altas de 44,1% e 37,6%, respectivamente.

Em se tratando do acumulado em 12 meses, os pedidos de falência tiveram uma alta de 4,0% em mar/23 (944 solicitações), enquanto os pedidos de RJ variaram em 3,0% (912 requerimentos).

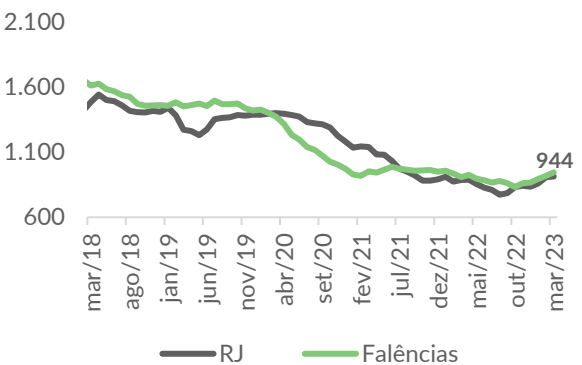
Falências e Recuperações Judiciais
Pedidos mensais



Recuperações Judiciais

RJ Requeridas			
Setores	mar/22	fev/23	mar/23
Comércio	24	36	15
Indústria	15	21	20
Serviço	38	33	48
Primário	11	13	11
MPE	59	59	60
Média	22	35	23
Grande	7	9	11
Total	88	103	94

Falências e Recuperações Judiciais
Pedidos acumulados em 12 meses



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

ICEI – Abr/23

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) recuou -1,1 pt. em abril, encerrando o mês em 48,8 pts., abaixo da linha divisória de 50 pts., em um indicativo de falta de confiança mais intensa e disseminada no setor. Para efeito de comparação, o índice havia começado o ano em 50,6 pts. em jan/23, após atingir 56,8 pts. em abr/22. Pesou no resultado mensal a avaliação dos empresários sobre as condições atuais da economia brasileira, que recuou para o pior nível de todo o período pós-pandemia.

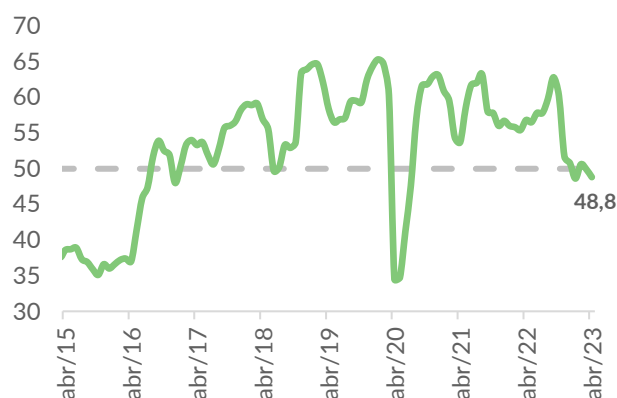
Com a exceção de fev/23, o ICEI apresentou quedas desde o final do ano passado, com uma variação máxima de -8,5 pts. em nov/22 e mínima de -0,7 pt. em mar/23.

A falta de confiança do empresariado da indústria demonstra-se mais difundida, com o índice referente às condições atuais em 42,5 pts., registrando seu menor patamar desde jul/20 (34,5 pts.), período em que o setor industrial brasileiro ainda sofria com a parada da economia por conta da pandemia. A avaliação é pior para as condições da economia brasileira, com queda de 2,9 pts. para 36,5 pts.. Em relação à empresa, o índice caiu -1,0 pt. para 45,6 pts., ligeiramente abaixo do mês anterior, 46,6 pts..

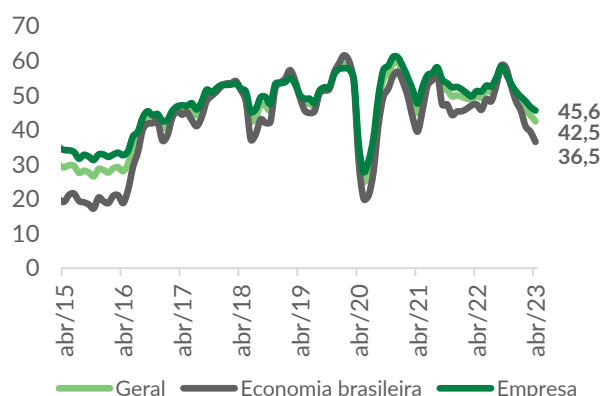
Embora em queda de -0,8 pt. no mês, o índice de expectativas ficou em 51,9 pts., acima da linha divisória, indicativo de que o otimismo é mantido para a indústria no próximo semestre. Igualmente, o índice com relação à economia brasileira ficou abaixo do com relação à empresa, 44,7 pts. ante 55,5 pts., respectivamente.

Na comparação do índice de condições atuais e de expectativas, a diferença em abril foi de -9,4 pts., de forma que o otimismo é maior em relação ao futuro. Mesmo aumentando ante mar/23 (-8,5 pts.), foi mantida, em abril, a média móvel de 12 meses em 6,2 pts. (9,8 pts. em abr/22).

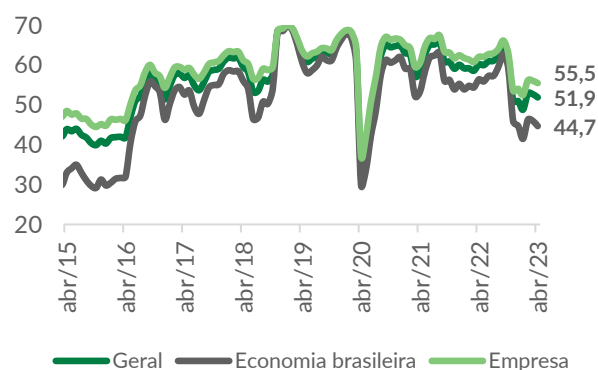
ICEI



Condições Atuais Abertura



Expectativas Abertura



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	1,0	1,5
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	6,9	8,3
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	8,8	9,0
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	6,0	4,2
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	3,4	4,2
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	12,50	9,75
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	55,0	50,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-51,0	-55,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	75,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,25	5,25
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,0	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,8	-7,4
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0	80,0



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688